

# CONTRIBUIÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO E DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Maristela Schapuis Wendling<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo é um relato que foi desenvolvido com as crianças de duas turmas do 1º ano do ensino fundamental do Centro Educacional Helga Follmann, do município de Tunápolis, SC, no ano de 2014. Tem como objetivo refletir sobre o uso do livro didático e literaturas infanto-juvenil no estudo de um determinado gênero textual e dar sequência ao Sistema de Escrita Alfabética (SEA) dentro da temática da sequência didática planejada para atender ao direito de aprendizagem. Através do estudo, foi possível compreender e produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, atendendo a diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos.

**Palavras-Chave:** Sequência didática, gênero textual, livro didático, Sistema de escrita Alfabética.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a educação está percebendo de uma maneira diferenciada as crianças que chegam ao primeiro ano. Como elas estão iniciando o ciclo de alfabetização com menos idade do que anteriormente, cabe à escola também mudar a sua prática pedagógica. Alfabetizar e letrar de forma mais prazerosa e competente torna um compromisso do professor alfabetizador, como mostra Piccoli (2012) ao comentar sobre a legislação sobre “ciclo de infância” e “ciclo de alfabetização”:

...um olhar mais minucioso aponta para a recorrência desses termos –alfabetização e letramento – na legislação que aqui indicamos. Disto já podemos ter uma pista de que o foco das políticas educacionais é garantir que as crianças aprendam a ler e a escrever nos anos iniciais, o que não significa restringir o lugar da infância na escola. Indo além na análise dos documentos, você perceberá que os três primeiros anos do ensino fundamental são nomeados como “ciclo da infância” e “ciclo da alfabetização e letramento” com vistas a assegurar o desenvolvimento as diversas formas de expressão das crianças e a aprendizagem das diferentes áreas do conhecimento, junto à leitura e à escrita (PICCOLI, 2012, p.39)

---

<sup>1</sup> Professora e Alfabetizadora; Licenciada em Pedagogia com Especialização em Séries Iniciais e Educação Infantil; Atualmente atua no Centro Educacional Helga Follmann de Tunápolis- SC, ministrando aulas do Reforço Escolar e Acompanhamento Pedagógico.

Uma das práticas que auxiliam nesse processo é o uso de textos que fazem parte do cotidiano da criança, como: cantigas, lista dos nomes, parlendas, bilhetes, convites, entre outros, pois além de prazerosas, trazem intrínsecas a sua função social. Por outro lado, com esses textos, é possível planejar e organizar estratégias sequenciadas para que ocorra a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) entorno dos diversos eixos do componente curricular da Língua Portuguesa (oralidade, leitura, produção textual, e análise linguística).

São inúmeras as estratégias e atividades que são desenvolvidas no dia a dia da vida escolar, com o objetivo de viabilizar aos alunos as condições de aprendizado. As práticas desenvolvidas com as crianças das duas turmas do 1º ano do ensino fundamental do Centro Educacional Helga Follmann, do município de Tunápolis, SC, no ano de 2014, foi o uso do livro didático e literaturas infanto-juvenil no estudo do gênero convite”, na sequência didática planejada para atender ao seguinte direito de aprendizagem:

Compreender e produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, e para atender a diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos (BRASIL, p.32,2012).

Neste artigo será relatada esta experiência, bem como analisada seu uso e seus resultados na prática educativa, buscando sua compreensão.

## **2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

O uso da sequência didática (SD), faz parte da nossa prática pedagógica, pois contribui para a apropriação do SEA, mas principalmente, porque trabalha de forma sequenciada um determinado gênero textual. Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (Apud Brasil, 2012e, p.21) sequência didática é “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual ou escrito”. Zabala (1998, p.18) converge e define sequência didática como: “são um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais (...)”

Iniciamos as atividades de apresentação da Sequência Didática com uma roda de conversa, com todos sentados em círculo no chão. Conversamos sobre um assunto que estava em pauta na fala de todas as crianças da escola e era motivo de expectativa e empolgação: o piquenique, que seria realizado pela escola, para todos os alunos. Perguntados se iriam

brincar sozinhos ou com colegas, as crianças responderam unanimemente que queriam brincar com colegas, inclusive de outras turmas e turno da escola. As repostas podem ser sintetizadas pela fala do aluno AB: “Não quero brincar sozinho, quero brincar com o Carlos do 2º ano”.

Logo após a roda de conversa, ouviram a história: Viviana a rainha do pijama, de Steve Webb. O uso de literatura infanto-juvenil tem muito a contribuir para o desenvolvimento de uma seqüência didática. O livro leva as crianças a encantar-se com as aventuras e a viajar no mundo da fantasia e do encantamento. Além disso, instiga-as a imitar as atitudes de determinados personagens. A opção pelo uso do livro, Viviana a Rainha do Pijama, foi em função de que ele traz em suas páginas diversas cartas convites, que Viviana envia a seus amigos, convidando-os para a festa do pijama.

A história foi usada para instigar o grupo a pensar formas de convidar os colegas da outra turma para as brincadeiras no dia do piquenique e diante do seguinte desafio: De que forma podemos convidar os colegas? Em resposta a este desafio, os alunos sugeriram conversar pessoalmente, por celular e também através de convite escrito. O convite escrito logo foi a grande preferência da maioria, o que foi providencial, posto que um dos objetivos era conhecer, produzir e usar este o gênero.

O estudo sobre o convite escrito, iniciou-se com os questionamentos: Alguém já conhece convite? Quem já recebeu algum? O que tem num convite? Para que serve um convite?

Para a produção dos convites foi utilizado o “gênero textual”, conforme nos remete o trabalho com seqüência didática. Segundo Schneuwly e Dolz (2012c), gênero textual são:

...instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais. São historicamente mutáveis e relativamente estáveis. Emergem em diferentes domínios discursivos e se concretizam em textos, que são singulares (SCHNEUWLY E DOLZ, Apud Brasil, 2012c, p7).

## 2.1 PRIMEIRA PRODUÇÃO

As atividades de SD devem seguir uma seqüência organizada Schneuwly e Dolz (apud Brasil, 2012e, p26,27). Seguindo esta recomendação, as crianças elaboram um primeiro texto, no caso seria a primeira produção, onde o professor pode observar e avaliar quais são os conhecimentos e dificuldades individuais e coletivas em relação ao determinado gênero, o que dará subsídios para investir na continuidade de propostas e desafios que venham a oportunizar a aprendizagem.

O diálogo de abordagem do gênero decorreu de maneira tranqüila e bem participativa. A maioria das crianças já conhecia algum tipo de convite, pois já tinham recebido ou visto um, porém não tinham certeza do que deveria ser escrito nele. Mesmo assim aceitaram o desafio e se motivaram a escrever um convite do jeito que imaginavam que devesse ser, usando o material oferecido: meia folha colorida, lápis e lápis de cor. Lembrados das informações nas nossas conversas sobre o piquenique fizeram a primeira produção de CONVITE com o objetivo de convidar um colega pra brincar no dia do piquenique da escola. Ao escrever, demonstraram inúmeras dúvidas e estavam inseguros sobre o que deveriam registrar e em qual espaço da folha deveriam escrever cada informação. Esta primeira produção foi conduzida sem muita interferência, para que tivessem a oportunidade de questionar, eles mesmos, sobre os detalhes da escrita. Depois dessa primeira produção, passamos a usar o livro didático de português, Mundo Amigo: letramento e alfabetização (2011), no qual exploramos o quinto capítulo, começando pelas páginas 121 e 122: “Hoje é dia de festa”. Para abordar o tema do uso do livro didático faremos uma rápida revisão bibliográfica, para em seguida relatar o trabalho realizado.

**Figura 1** – 1ª produção de convite



Fonte: Autora

## 2.2 LIVRO DIDÁTICO

O livro didático tem sido distribuído nas escolas brasileiras desde 1929 (hoje através do Programa PNLD -Programa Nacional do Livro Didático) e no decorrer desses 87 anos, passou por inúmeras transformações, na tentativa de melhorar a qualidade e atendimento às necessidades educacionais brasileiras. Atualmente o programa é considerado de sucesso, e de fato, percebe-se significativa melhoria em inúmeros dos livros, impetrados inclusive com a participação e sugestão dos educadores brasileiros (FNDE, 2016). O livro didático está passando por constantes adequações, como se vê em Russo (2012):

Assim como todo conhecimento deriva de um processo de construção a partir da ação do sujeito sobre o próprio objeto de conhecimento, muitas questões relacionadas com a alfabetização também vêm passando, no Brasil, por um processo contínuo e progressivo de adequação e/ou transformação.(...) os livros de alfabetização, assim como o processo que embasa esse conhecimento, têm procurado atender às necessidades cognitivas do alfabetizando, em busca de uma aprendizagem significativa decorrente de situações que realmente colaborem de forma positiva com o ser cognoscente (RUSSO, 2012).

O livro didático passa a ser considerado uma importante fonte de pesquisa para o planejamento na alfabetização e letramento. Não devemos, contudo, acreditar ingenuamente que ele pode ser o único material de pesquisa a ser usado para um planejamento didático, que precisa atender a demanda de inúmeras vivências pedagógicas necessárias ao processo de alfabetização e letramento. Russo (2012), ainda diz, que não podemos achar que a “cartilha” seja um modelo único de alfabetização, e que cabe ao professor tentar se atualizar sempre sobre educação e buscar compreender as propostas e direcionamentos dos livros didáticos. Da mesma forma o MEC (Ministério de Educação) tem enviado literaturas infanto-juvenil, através de programas específicos, também com a finalidade

Capa do livro didático

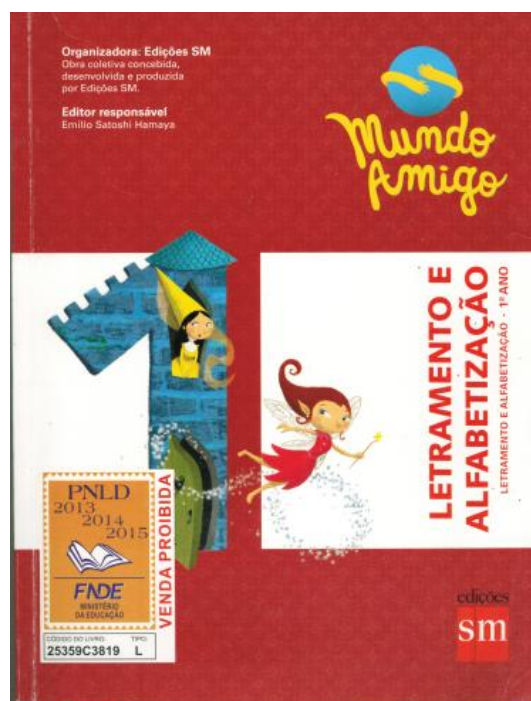


Foto da Autora

de suporte ao desenvolvimento da leitura, escrita e letramento nas diversas áreas do conhecimento, em destaque aqui, para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

**Figura 2 – Uso da literatura**



**Figura 3 – Uso do livro didático**



Fotografias da autora

### 2.2.1 Prática do uso do livro didático

O uso do livro didático foi através da leitura complementar, no livro “Espaguete e Almôndegas para todos!”, a que ouviram com muita atenção. Em seguida foi realizada uma conversa dirigida sobre o texto buscando responder as seguintes perguntas: sobre o que fala o texto? Por que os Costa decidiram fazer uma reunião familiar? O que os Costa fizeram para que as pessoas fossem a essa reunião familiar?

Passamos em seguida para os textos das páginas seguintes: Convite 1 e Convite 2, onde estavam ilustrados dois convites. Fizeram sua leitura inicial individualmente, passando para a leitura oral, feita pelas crianças já alfabetizadas. Sendo instigados também sobre esses textos, foram percebendo as partes que compõe um convite.

O estudo seguiu com os desafios propostos nas atividades do livro, elaboradas e direcionadas para o entendimento do gênero em questão, sendo este um momento coordenado pela professora, com as necessárias intervenções, mas também de autonomia para aqueles que conseguiram desenvolver as atividades com menos auxílio. Vale lembrar que o uso do livro didático, não significa o abandono de outras matérias. É importante fazer um pequeno registro diário.

Figura 4 – Apontamento no caderno



### 2.3 ANÁLISE DE CONVITES

Como tema de casa receberam a tarefa de pesquisar e trazer convites para a sala de aula. Assim no dia seguinte, em duplas, fizeram uma análise do que compõe um convite e foram orientados a comparar sua produção com o convite trazido. Esse momento foi muito rico, pois eles foram localizando as informações que caracterizam o convite: para que é o convite, o local, data, hora, para quem será enviado e quem está convidando. Assim puderam identificar cada elemento e perceber a importância/necessidade de constarem todos eles.

### 2.4 PRODUÇÃO FINAL

Após esses momentos de estudo, os alunos escreveram o segundo convite, ou seja, sua produção final, sendo desafiados a incluir desta vez tudo o que haviam aprendido. Essa produção final também é proposta Schneuwly e Dolz (2012 c). Durante essa produção foram feitas intervenções individuais de acordo com a necessidade identificada pela professora e dúvidas das crianças, considerando o nível de aprendizado da leitura e escrita em que cada uma delas se encontrava no momento. Depois de prontos os convites, o grupo fez uma visita para a turma do 2º ano da escola, e cada um entregou seu convite ao colega com o qual queriam brincar no dia do piquenique. Como diz Kaufman (1995,p 51): “Não é fácil imaginar que alguém escreva ‘para ninguém’, fora dos muros da escola. Sempre há um

destinatário dos materiais escritos.” Não poderia ser diferente com o convite produzido por eles. Os alunos da turma do 2º ano receberam os convites com muita surpresa e agradeceram, felizes.

**Figura 6:** Alunos analisando convites trazidos



Foto da Autora

**Figura 7 –** entrega dos convites



Fotos da autora

**Figura 8 –** entrega dos convites



## 2.5 ENCADEAMENTO COM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

É necessário relacionar os conhecimentos de diferentes áreas para a compreensão e uso social dos conteúdos escolares, conforme Brasil (2012d) que diz :

... articulação entre as diversas áreas do conhecimento deve estar presente em consonância também com a rotina pedagógica que contemple os diferentes eixos do componente curricular da Língua Portuguesa... Tal articulação precisa ser entendida não como algo forjado e artificial, mas originada de reais necessidades (BRASIL, 2012d, p.9).



A produção do convite, provocou nos alunos a curiosidade de saber quando seria o piquenique, quanto dias faltavam, e em que dia da semana cairia, hora de início, etc.. Desta forma ficou propício o estudo dos intervalos de tempos.

Com uso do calendário identificaram os meses do ano, mês em andamento, e observaram a data do piquenique, bem como o relógio para verificar a hora e duração do mesmo. Dessa forma refletimos sobre as medidas de tempo e praticamos seu uso cotidiano. Para isso também usamos a literatura infanto-juvenil “Só um minutinho” (Morales, 2006), como leitura de lazer. Esta leitura lhes possibilitou fazer relação e comparativos com o que acabáramos de estudar. Considerando também a necessidade de sistematizar os conceitos abordados e contribuir com o processo de automatização do aprendizado, fizemos uso do livro didático de matemática (Matemática 1º ano, Projeto Buriti, 2011) para as marcações no calendário e identificação das horas do dia do piquenique.

Ao abordar o conteúdo “medidas do tempo” (Intervalos de tempo), foi possível vivenciar brincadeiras no pátio da escola, como por exemplo a do “Gato e Rato”, “a dança das cadeiras”, como também fazer uso dos jogos matemáticos: marcando as horas, calendário dinâmico. Muniz (Apud Brasil, 2014), ao falar do brincar e dos jogos, diz o seguinte:

No brincar podemos encontrar tanto a aplicação do conhecimento escolar quanto do conhecimento espontâneo, dois tipos de conhecimentos considerados como participantes da cultura infantil. A presença de uma trama entre diferentes modos de modos de conhecimento matemático no brincar pode revelar como a criança estabelece relações complexas entre a reprodução do conhecimento escolar e o uso de sua potencialidade criativa para construir e resolver situações-problemas (MUNIZ, Apud Brasil, 2014, p. 56)

**Figura 9 –** Contação da história



Fotos da autora

**Figura10 –** literatura infanto-juvenil



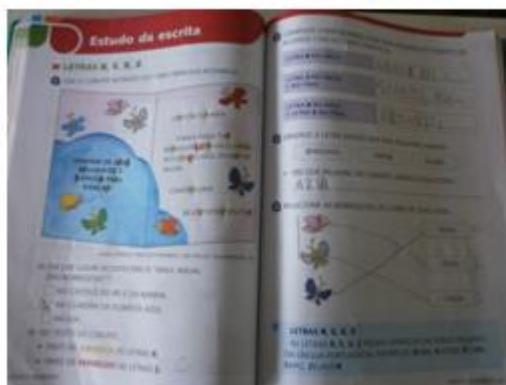
## 2.6 CONTINUAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA – SEA

Outro momento da SD, do gênero bilhete, oportunizou direcionar a reflexão ao SEA. Como essa seqüência didática foi realizada no mês de outubro, e a maioria das crianças já estavam lendo, o livro didático foi usado para a exploração dos fonemas/grafemas r – s – z – x, (a partir do texto: convite apresentado no livro na página 140) no início, no meio e ao final de palavras. A atividade foi desenvolvida em duplas organizadas pela professora para que houvesse trocas entre os diferentes níveis de aprendizado dos alunos da turma. Para os que estavam mais no início do processo de alfabetização, foi oferecido também uma atividade complementar com o livro didático com o objetivo de identificação das vogais e consoantes. Enquanto estes recebiam atenção direta da professora e eram instigados a pensar sobre suas hipóteses de leitura e escrita, as demais duplas tinham a autonomia de fazer as atividades sozinhas, podendo pedir ajuda caso precisassem.

Oferecer atividades diferenciadas aos alunos conforme o seu nível é um compromisso do professor e um direito do aluno para que possa avançar na apropriação do SEA, conforme Russo (2012):

para definir a didática mais adequada, o professor precisa, antes de mais nada, detectar o nível em que se encontra cada aluno, para então intervir coerentemente em seu processo de aprendizagem. Deve atingir os alunos de todos os níveis, desafiando-os para provocar o avanço (RUSSO, 2012, p.41).

**Figura 11** – atividades do livro didático



Fotos da autora

**Figura 12** – uso do livro didático



Como todos os alunos devem avançar nas hipóteses nas quais estão passando, também foram usados os jogos de alfabetização, que os desafia, de forma prazerosa, a escrever e/ou descobrir qual é a letra inicial. Tomou-se o cuidado na escolha do jogo, para que fosse conforme as hipóteses que cada qual já conseguia formular, e ainda os instigasse a avançar. Conforme Brasil (2012b, p36)

Na alfabetização, os jogos são poderosos aliados para que os alunos possam refletir sobre o SEA, sem, necessariamente, serem obrigados a realizar treinos enfadonhos e sem sentido. Ao utilizar o jogo, as crianças mobilizam saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área (BRASIL, 2012b, p.36)

Conforme Morais (2012, p. 99), o uso de jogos para os alfabetizando para que “pudessem vivenciar situações lúdicas, explorando jogos que, explicitamente, fossem concebidos para fazê-los brincar com palavras. De modo a poderem, mais facilmente, compreender as relações entre as partes orais e escritas das mesmas”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que os livros didáticos, elaborados para este nível de escolarização, oferecem inúmeras possibilidades de uso para o estudo de gêneros literários, reflexão do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), sistematização e automação do aprendizado dos conteúdos escolares. Proporcionam ao aluno a possibilidade de fazer a relação entre o que está aprendendo e como pode usar esse conhecimento fora do ambiente escolar de forma envolvente e desafiadora, com suporte instrumental e conceitual, através dos textos e atividades que contém promovendo a interdisciplinaridade.

Confirmou-se que o aprendizado lúdico possibilita aulas atrativas, dinâmicas e envolventes, promovendo entendimento conceitual dos conteúdos e interesse do aluno pelas experiências escolares. Isso desafia o professor a repensar as ofertas de vivências pedagógicas, incluindo a ludicidade como elemento fundamental para o processo educativo escolar.

### REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização: concepções e princípios**: Ano 1, unidade 1, Brasília MEC, 2012a.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a Aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética: Ano 1, unidade 3**, Brasília; MEC, 2012b.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: O trabalho com gêneros textuais na sala de aula: Ano 2**, unidade 5, Brasília; MEC, 2012c.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento - projetos didáticos e sequências didáticas: Ano 1, unidade 6**, Brasília; MEC, 2012d.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Alfabetização em foco: projetos didáticos e sequências didáticas em diálogo com os diferentes componentes curriculares: Ano 3, unidade 6**, Brasília MEC, 2012e.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Apresentação**, Brasília; MEC, 2014.

FNDE, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em:

<<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>> Acesso em: 18/08/2016.

GAY, Mara Regina Garcia. **PROJETO BURITI: matemática/organizadora**, 2.ed. –São Paulo: Moderna, 2011.

HAMAYA, Emilio Satoshi (editor). **MUNDO AMIGO: letramento e alfabetização**. 1.ed.- São Paulo: Edições SM,2011.

KAUFMAN, Ana María; Rodríguez Helena María. **Escola, leitura e produção de textos**. Tradução Inajara Rodrigues. Porto Alegre; Artes Médicas, 1995.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORALES, Yuri. **Só um minutinho**. São Paulo: FTD, 2006.

PICOLLI, Luciana; Camini Patrícia. **Práticas Pedagógicas em Alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização um processo em construção**. 6. Ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

WEBB, Steve. **Viviana, a rainha do pijama**. Traduzido por Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora Salamandra, 2013.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa como Ensinar**. Traduzido por Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.